

A FAMÍLIA E A CRIANÇA NO ÂMBITO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Rejane da Luz de Queiroz

Professora Efetiva – Secretaria Municipal de Educação de Boa Vista – SMEC/PMBV.

<http://lattes.cnpq.br/3977912691368502>.

<https://orcid.org/0009-0003-3726-9484>

E-mail: dancarinar@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RNI-2026.V1N2-18>

RESUMO Este artigo tem como finalidade apresentar a importância da relação entre a família e a criança no âmbito escolar, seguindo um roteiro principal de uma pesquisa explicativa para que o processo de aprendizagem aconteça de forma natural, a família deve ser analisada para que? Que influência a mesma pode ter nesse processo? O resultado aparece uma vez que a família é a principal responsável pelo desenvolvimento da criança. O objetivo do artigo é repassar que é de fundamental importância a participação da família no processo de aprendizagem das crianças. Logo, obtive que é essencial deixar claro a influência da família na aprendizagem dos filhos e sua interação com a comunidade escolar. Assim, a família torna-se o pilar responsável e indispensável para construção de um indivíduo saudável, capaz e emocionalmente equilibrado, quanto para a evolução de sua inteligência e capacidade de aprender.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Família. Aprendizagem escolar.

THE FAMILY AND THE CHILD IN THE SCOPE OF SCHOOL LEARNING

ABSTRACT: This article aims to present the importance of the relationship between the family and the child in the school environment, following a main script of explanatory research so that the learning process happens naturally, what should the family be analyzed for? What influence can it have on this process? The result appears since the family is primarily responsible for the child's development. The objective of the article is to convey that family participation in the children's learning process is of fundamental importance. Therefore, I realized that it is essential to make clear the family's influence on children's learning and their interaction with the school community. Thus, the family becomes the responsible and indispensable pillar for building a healthy, capable and emotionally balanced individual, as well as for the evolution of their intelligence and ability to learn.

KEYWORDS: Child. Family. School learning.

INTRODUÇÃO

De acordo com Funayama (2005, p. 79/90), desde o século passado, sabe-se que as dificuldades de aprendizagem e de comportamento vem crescendo rapidamente nas escolas, porém, muitos pesquisadores têm relacionado as suas pesquisas para este tema, focalizando a fundamental importância da família na aprendizagem escolar. Verifica-se

que os resultados adquiridos, deixam claro que a família tem um influencia muito grande no desempenho escolar dos seus filhos, portanto, a família é o primeiro grupo natural do homem e a principal responsável pelo seu desenvolvimento. Tudo que ocorre no meio familiar de propaga pela vista do indivíduo, onde se aplica a todos os aspectos da Constituição humana-físicos, emocionais e cognitivos.

FAMILIA E APRENDIZAGEM ESCOLAR

É interessante desenvolver um trabalho que reflita sobre o papel que a família tem diante das dificuldades de aprendizagem. Sendo que é de suma importância a criança internalizar que os primeiros valores na família, pois esse é o ponto de partida na sua formação, seja positiva ou negativa.

O objetivo deste estudo é investigar, através de um levantamento bibliográfico sobre a participação e relação criança-família-dificuldade de aprendizagem escolar, buscando até que ponto a influência e participação da família pode identificar distúrbios de aprendizagem. Percebe-se que a cada ano cresce o número de estudiosos, que tentam explicar como os pais e educadores pode melhorar no progresso de aprendizagem das crianças.

O referido trabalho teve o cuidado de abordar e compreender melhor como os problemas de aprendizagem podem estar ligados a questões familiares. Sendo a família um grupo social, sofre influência por um grupo maior: A sociedade. Tais interferências tem vários caracteres, entre eles o aspecto biopsicossocial num movimento dialético: macro-grupo (sociedade) para um microgrupo (família) e vice-versa. Assim, “uma família disfuncional é um sistema que respondeu a estas exigências internas ou externas de mudança, estereotipando seu funcionamento” (Minuchin, 1990, p. 108).

Basseadas (1999, p. 285) Ressalta que os contatos informais são importantes porque possibilita um conhecimento progressivo dos agentes educadores da criança, ajudam os pais e as mães a tranquilizarem-se e verem com segurança a estadia do seu filho na escola, e permitir que a própria criança perceba que as pessoas que lhe são significativas, demonstram que se importam profundamente com ela.

Os pais nunca devem deixar que a escola seja a principal responsável pela educação de seus filhos. A importância estabelece uma relação equilibrada e integrada entre estes contextos. Portanto os contextos são diferentes, mas a criança é a mesma em ambos.

Pois, a criança precisa se sentir segura, protegida, assistida e amparada, principalmente quando começa a apresentar problemas na aprendizagem. No entanto, em se tratando da aprendizagem humana, quando ocorre alguma disfunção nesse processo surgem às dificuldades de aprendizagem, onde essa dificuldade de aprender em parte significativa dos estudantes, pode estar refletindo conflitos gerados dentro do núcleo familiar. Outro fator importante para aprendizagem é a autoestima. O seu desenvolvimento se dá a partir da qualidade das relações interpessoais.

Para Polity, “é essencial que as crianças recebem o apoio dos pais, pois quando os pais são suporte emocional, a criança desenvolve uma base sólida e um senso de competência que a leva a uma autoestima satisfatória” (2004, p. 90).

Porolin destaca que “educar é promover situações em que a criança possa ir adestrando o universo dos sentimentos das ideias, da razão e das emoções”. (2005, p. 58). Mussen, (1970) “define aprendizagem como mudança no comportamento ou desempenho em resultado de experiência”.

Celidonia (1998) “concebe a aprendizagem como um processo em que a personalidade da criança possa se desenvolver automaticamente e não como um reflexo de um certo modelo de indivíduo que a família ou a sociedade julga ideal”. José e Coelho (1999): Focalizam a aprendizagem significativa e aprendizagem como mudança de comportamento em função da experiência. Ressalta que é comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente aos fenômenos que ocorrem na escola, como resultado de ensino.

Para Drouet (1995): A aprendizagem, como parte de um processo de comunicação, a educação, apresenta quatro elementos: comunicador ou emissor (professor), mensagem (conteúdo educativo), receptor de mensagem (aluno), e meio ambiente (escolar, familiar e social), se qualquer um deles falhar, haverá um obstáculo a comunicação, o que poderá causar problemas de aprendizagem.

Segundo Sambrano (2006, p. 144): A família é estendida como uma instituição histórica e social que, do longo do tempo, se transformou sincrônica e diacronicamente, descartando assim a noção de que há um modelo de organização familiar, o que remete à existência de uma diversidade de padrões familiares, pautados num projeto de relações interpessoais, não necessariamente referendados em laços sanguíneos.

Compreender a ampliação desse conceito é importante porque apesar das mudanças na estrutura das famílias, elas continuam cumprindo o mesmo papel: a socialização da criança e sua inserção no contexto histórico-cultural, constituindo assim no primeiro espaço de aprendizagem infantil, no que se refere a hábitos, costumes, valores, papéis sociais, atitudes e linguagem, além de desenvolver na criança, através da interação, as bases da subjetividade, personalidade e identidade. (Sombrano, 2006, p. 145).

Javeau (2005, p. 385) Ressalta que as crianças devem ser consideradas uma população com pleno direito (científico), com seus traços culturais, seus ritos suas linguagens, suas “imagens ações” Ou menos preciso no tempo e no espaço com sua estrutura e seus “modelos de ações”. {...} se trata antes de tudo de pôs em evidencias as significações que as crianças atribuem aos diversos componentes dos estilos de vida que levam, tanto na perspectiva da construção bruta de uma cultura específica quanto na da relação desta com os diversos processos de socialização em ação, das quais um grande número surge na realidade da socialização, qualquer que seja o quadro: família, escola, rua, terreno vago, colônia de férias, entre outros.

Conforme Lima (2002, p. 8) Uma das primeiras formas de “linguagem da criança” é a utilização do movimento de seu corpo para “dialogar” com o outro. Este diálogo pode ser iniciado pela criança ou pelo outro. Pode surgir da própria criança ou pode surgir através da imitação. Em ambos os casos, é a busca do estar em comunicação que é a manifestação humana. A busca pela compreensão da manifestação humana evidencia a importância do professor assumir a ação investigativa como princípio de sua prática.

Piaget citado por Pulas Ki (1980, p. 18) afirma que “o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento (inativo), nem como resultado de simples registro de percepções e informações (empirismo) “o conhecimento resulta das ações e das interações do sujeito com ambiente onde vive.

Para Piaget, o sujeito é ativo e, em todas as etapas da sua vida, procura conhecer e compreender o que passa a sua volta. A grande questão que se estabelece em relação à aprendizagem se dá pelo fato de não acontecer a aprendizagem de forma imediata pelo simples contato com os objetos.

Enquanto Piaget analisa as estruturas mentais dos indivíduos, Vigotski fala da mobilização das estruturas sociais, culturais e históricas. Alegando que por meio delas é possível abranger adequadamente a complexidade cognitiva da aprendizagem. Conforme a teoria de aprendizagem de Vigotski (2002), o funcionamento cognitivo do indivíduo não se dá em função de mecanismos associativos do tipo “estímulo-resposta (Behaviorismo), nem em consequência da imposição de estruturas (pré-formatadas), mas em decorrências das interações sociais e culturais do sujeito, assim, todo curso do desenvolvimento cognitivo é fundamentalmente influenciado pelo meio sociocultural.

Vygotski (2002, p. 93) “afirma que, quando se trabalha o nível pedagógico, como é o caso dos educadores, deve-se procurar avaliar as condições de crescimento do nível cognitivo do aluno”. Cabe ao professor como mediador na escola, diante dos distúrbios de aprendizagem, avaliar e estabelecer metas com progresso ou regresso do educando, seja de forma individual ou em grupo. Para melhor entender sobre o tema, é importante delimitarmos o conceito, dificuldade de aprendizagem, sob a ótica de vários autores.

Segundo Gomez e Teran (2008), para pesquisarmos o processo de aprendizagem, devemos considerar toda uma bagagem de experiências, cultura, religião, vivências e outros sentimentos que envolve o aprender, um processo que se dá por toda vida. Há, na literatura, discordância nas diferenças entre distúrbio e dificuldade.

De acordo com Ciasca (2003), o distúrbio de aprendizagem se caracteriza por uma disfunção do sistema nervoso central, já a dificuldade escolar está relacionada, especificamente, a um problema de ordem ou origem de método de ensino. Para José e Coelho (2006, p. 23) os problemas de aprendizagem referem-se às situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com um desvio de quadro normal, mas com experiências de aprendizagem a longo prazo.

Segundo Scoz (1994, p. 19) “não é fácil uma definição clara e abrangente para designar problemas de aprendizagem”, pois, segundo ela, tal definição transitou por

várias áreas do conhecimento ao longo dos anos, passando pelo enfoque biológico orgânico da medicina, principalmente na área da Psiquiatria, posteriormente pela Psicologia atingindo também a Psicanálise, até obter propostas da pedagogia e mais recente da psicopedagogia. O problema da aprendizagem pode surgir como uma reação neurótica a interdição da satisfação, seja pelo afastamento da realidade e pela excessiva satisfação da fantasia, seja pela fixação com a parada do crescimento da criança. Fica claro que esta autora busca elucidar as razões dos problemas de aprendizagem segundo a Psicanálise.

Já Visca (1991, Apud Scoz, 1994, p. 28) observa a aprendizagem sob um olhar orgânico ou biológico: concebe a aprendizagem como uma construção intrapsíquica, com continuidade genética e diferenças evolutivas, resultantes das pré-condições energético estruturais do sujeito e das circunstâncias do meio. É comum as pessoas restringirem o processo de aprendizagem somente ao ambiente escolar, porém, este deve ser encarado mais amplamente.

Deparamos nos com situações de aprendizagem em vários momentos e ambientes: hábitos que formamos, valores que consolidamos, o modo como reagimos na nossa cultura, entre outros aspectos relevantes no decorrer da vida. O processo de aprendizagem sofre interferência advinha de vários fatores, entre eles: o intelectual, o psicomotor, o físico e o social. Mas o que se destaca é o fator emocional, o qual depende grande parte da educação (José; Coelho, 2006).

Cabe ao educador estar atento aos sinais de dificuldades de aprendizagem que seu aluno apresente, e sempre se atualiza para obter um conhecimento prévio sobre problemas que possam envolver aspectos neuróticos, psicológicos, biológicos entre outros que dizem respeito ao método ineficaz ou inadequado utilizado pelo educador; ou que demonstre ser de cunho ambiental, isto é, quando dizem respeito ao meio em que a criança está inserida (Gomez; Terán 2008).

Dessa forma o educador deve facilitar o encaminhamento do educando a um especialista, o qual irá orientar os pais e o próprio educador a acompanhar o aluno de forma benéfica, para que seja detectado se o aluno precisa de acompanhamento de uma instituição de atendimento especial. As dificuldades de aprendizagem aumentam consideravelmente a cada ano, detectando sempre como “causa” a família. Professores

frustrados, cobrando a participação da família na escola aparece como um dos indicativos principais.

Vale ressaltar que algumas dificuldades de aprendizagem podem decorrer de déficits cognitivos que prejudicam na aquisição de conhecimentos, também, podem resultar de problemas educacionais ou ambientais. Desde o nascimento a criança está em contato com diferentes ambientes, aprendendo valores e formas diferentes de olhar o mundo, por meio da mídia, assim, moldando sua identidade.

As crianças convivem e compartilham a forma como compreendem o mundo ao seu redor, fazendo disso uma reprodução e reinvenção do mundo. Para Sarmento e Vasconcelos (2008, p. 28) {...} vários autores têm chamado a atenção para a diversidade das formas e modos desenvolvimento da criança, em função da sua pertença cultural - isto é, sustentam que a cultura molda a infância, por contrapor a ideia de uma natureza universal da infância, suposta a partir de estudos centrados no ocidente (E.G. Roff, 2003) com a norma da infância ocidental e a revolução das concepções da infância não equivalem ao que ocorre noutras partes do mundo ou nas culturas não ocidentais (E. G. Mead, 1970).

Como observamos no parágrafo acima, os autores, estes fatos são produzidos mais fortemente na modernidade ocidental, que originou ideias de infância na qual o adulto tem um olhar diferenciado para a criança, pois é um ser incompleto. Segundo Sarmento e Vasconcelos (2007, p. 33), “a criança com a idade do não está inscrita desde o étimo da palavra latina que designa esta geração: in-fans- o que se fala”, (grifos dos autores) distinguindo-se assim, segundo o mesmo, da ideia de “adustez”. Logo, devemos levar em consideração que a investigação sobre os acontecimentos dentro do lar da criança, reflete no seu desenvolvimento, afastando assim a total responsabilidade das influências da cultura escolar.

Assim, o meio pode ser um fator principal no problema de desenvolvimento da aprendizagem de uma criança, ou ao menos contribuir de modo significativo para a deficiência. De certa forma, torna-se possível modificar o ambiente para que se possa adquirir habilidade que ainda não possui.

Devemos levar em consideração a situação física e emocional entre a criança e os outros indivíduos. Fatores familiares contribuem para os transtornos de aquisição de competências. Há situações que esses transtornos influenciam até na vida adulta: O alcoolismo, as ausências prolongadas, as enfermidades, a violência doméstica, o falecimento dos pais ou parentes e a separação conjugal, fatores que trazem desajustamentos dependendo do grau de maturidade da criança.

Alguns pais culpam os filhos pelos problemas, acreditando que é falta de interesses pelos conteúdos escolares, rotulando de “preguiçosos e malcriados”. Tal julgamento leva a criança carregar a responsabilidade de algo que não compete somente a ela, prejudicando assim, a autoestima, gerando reações emocionais como a tristeza, ira e cansaço frequente, além do desinteresse pelo estudo.

Diante da situação, a busca de auxílio, como uma avaliação de uma equipe multidisciplinar, “médica, psicológica, assistência social e pedagógica, torna-se indispensável tanto no âmbito da família, como da escola e da própria criança. A criança aprende muito fora da escola, com o social, com a família e com o mundo que a cerca. É na família que a criança tem a maior participação com sua educação, sendo assim inserida no meio cultural, construindo saberes. É natural vermos a família perdida em meio a tantas formas de educar seus filhos, hoje a mídia dita os modos de viver, interferindo na educação das crianças.

Através das experiências e relações interpessoais, a família pode promover o desenvolvimento intelectual, emocional e social da criança. Ela pode criar situações no dia a dia que estimularão esses aspectos, desde que esteja desperta para isso. Além disso, a participação da criança nas atividades rotineiras do lar e a formação de hábitos também são importantes na aquisição dos requisitos básicos para a aprendizagem, pois estimulam a organização interna e a habilidade para o “fazer” de maneira geral (Marturano, 1998).

A importância da participação da família no processo de aprendizagem é inegável e a necessidade de se esclarecer e instrumentalizar os pais quanto às suas possibilidades em ajudar seus filhos com dificuldades de aprendizagem é evidenciada ao manifestarem suas dúvidas, inseguranças e falta de conhecimento e como fazê-lo.

Conforme Martins (2001, p. 28), “essa problemática gera nos pais sentimentos de angústias e ansiedade por se sentirem impossibilitados de lidar de maneira acertada com a situação”. Acredita-se que um programa de intervenção familiar seja de fundamental importância para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

O relacionamento familiar, a disponibilidade e interesse dos pais na orientação educacional de seus filhos, são aspectos indispensáveis de ajudar à criança. Em um trabalho de orientação a pais, de acordo com Polity (1998), é possível despertar a sensibilidade do mesmo para a importância do aspecto, dando-lhe quanto as necessidades da criança estratégias que facilitam o seu desenvolvimento. Este trabalho refere-se à importância do papel da família no desenvolvimento da aprendizagem, geralmente, possuem uma baixa autoestima em função de seus fracassos e que esses sentimentos podem estar vinculados aos comportamentos de interesses por determinadas atividades, tempo de atenção, falta de concentração e outros.

Por desconhecer as necessidades da criança, a família, muitas vezes, necessita de amparo, orientações que lhe ajude a ajudar seu filho. O estresse no lar influencia no desempenho da criança no processo de aprendizagem. Segundo Marturano (1999), há mães que demonstram excessivas ansiedades quanto à superação da dificuldade que o filho apresenta, mães atribuem todo o problema a criança e a caracteriza como “preguiçosa”, “lerda”, “distraída”, mães que negam a dificuldade que a criança demonstra, mães que não acompanham as atividades de seu filho e mães que punem a criança pelo seu fracasso escolar.

Algumas mães questionam sobre a influência da família na aprendizagem, é necessário que haja uma conscientização dos pais em ajudar a criança nas dificuldades para realizar suas tarefas escolares, também é importante conhecer o relacionamento do filho com os colegas, evitando problemas educacionais.

As autoras Smith, Strick (2001, p. 36) dizem que a criança com dificuldades de aprendizagem, podem ser brilhantes, criativas e talentosas em outras áreas, mas em nossa sociedade, onde se valoriza muito o desempenho escolar, estas crianças sentem-se fracassadas, frequentemente se comparando com as crianças que apresentam um melhor desenvolvimento cognitivo, criando assim um bloqueio cada vez mais acentuado no seu processo de aprendizagem.

Tiba (2002, p. 183), “Nos diz que se houver uma parceria entre família e escola, se as duas partes falarem a mesma linguagem e apresentarem valores semelhantes a crianças aprenderá sem grandes conflitos”. Na relação família/educadores um sujeito sempre espera algo do outro. E para que isto de fato ocorra é necessária a construção de uma relação de diálogo mútuo, onde cada parte envolvida tenha o seu momento de fala, onde exista uma efetiva troca de saberes.

A capacidade de comunicação exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir e para tal faz-se necessário o desejo de querer escutar o outro, a atenção as ideias emitidas. Uma atitude de interesses e de preconceitos podem danificar profundamente a relação família/escola e trazer sérios prejuízos para o sucesso escolar e pessoal dos educandos (Penteado, 2009).

Se algumas vezes as famílias não têm correspondido ao que os educadores esperam, é preciso conhecer as razões que motivam esses distanciamentos. Para tal, a escola e os educadores precisam se despir da postura de juízes que condenam sem conhecer as razões e incorporar o espírito investigador que busca as causas para o desconhecido (Penteado, 2006).

Diante do contexto abordado, fica explícito que não se pode compreender o aluno sem considerar o dignificado de sua vida enquanto ser social, sua vida família. Dentro de tal complexidade entende-se que a família influencia no desenvolver do aprendizado, tornando-se sua participação indispensável na comunidade escolar. O ambiente escolar deve ser alegre e amplo em vontade e desejo de aprender, é na escola que a criança recebe formação cultural o que irá apresentar como membro da sociedade. Família e escola devem entrelaçar as forças de um aprendizado tangível, construindo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou compreender que a relação entre família e escola deve ser cordial, caminhando lado a lado, pois torna-se essencial esta ligação para o melhor aprendizado dos alunos, onde, os pais colaboram diretamente com as propostas da escola. E a escola compromete-se em interagir com a comunidade escolar, resultando num bom desenvolvimento entre família e escola. Fica claro que o processo de aprendizagem

depende muito da relação da família com os filhos, trazendo à tona algumas dificuldades neste processo ou reiterando-as quando já detectadas.

O aprendizado da criança acontece em grande parte dentro do ambiente familiar, onde são desenvolvidas formas de aprender que serão levadas para o futuro quanto a aquisição de conhecimento até a vida adulta. Se esse processo ocorrer de forma adequada o aprendizado acontece de modo equilibrado, porém, algumas situações familiares não acontecem de forma positiva para esse desenvolvimento.

Em uma família, onde a criança cresce cercada de amor e atenção com o tempo e condições necessárias para brincar, explorar os objetos e experimentar o meio ao seu redor, o seu desenvolvimento ocorre de forma desejável com qualidade satisfatória de aprendizagem, sendo descartado as dificuldades de cunho emocional.

É necessário compreender a sociedade em que vivemos, como podem influenciar nas famílias e nas escolas, por meio de sua cultura, relações de classe e de produção, para podermos assim, compreender as especificidades do papel da família em relação às dificuldades de aprendizagem de suas crianças.

A mudança que vem acontecendo nas diversas fases de desenvolvimento da criança, desde a infância até a adolescência devem ser reconhecidas pela família e educadores, os profissionais devem ter um novo olhar diante dessas mudanças, o que nos leva a reavaliar o papel da escola e da família diante do ato de ensinar. Por fim, esperamos contribuir, através desta produção teórica, para a discussão em volta do tema proposto e que possa servir de referência para a produção de outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

- CELIDÔNIO, R. F - Trilogia inevitável: família – aprendizagem escola, in Revista Psicopedagogia. Vol. 17. São Paulo: Salesianas. 1998.
- CIASCA, S. M - Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar. Campinas: Casa do Psicólogo, 2003
- FUNAYAMA, C.A.R – Problemas de Aprendizagem. Enfoque multidisciplinar. Campinas, SP: Editora Alinea, 122 p. 2ª edição. 2005.
- GÓMEZ, A. M. S. TERÁN N.E – Dificuldades de Aprendizagem: Detecção e Estratégias de ajuda. Trad. Adriana de Almeida Navarro. São Paulo: Ed. Grupo Cultural, 2009.

JOSÉ, E. A. COELHO, Maria Teresa – Problemas de Aprendizagem. 12º Ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARTINS, N. A. R – Análise de um trabalho de orientação a famílias de crianças com queixas de dificuldades escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MATURANO, E.M – Ambiente familiar e aprendizagem escolar. In C.A.

MATURANO, E.M – Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola In: Psicologia: teoria e pesquisa, v.15, n.2, p. 135-142, Mai/Ago-1999.

MINUCHIN, Salvador – Famílias-funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes 1990.

PENTEADO, A.C.A – Educação e Família: Uma união fundamental. Disponível em: <http://www.ines.org.br/paginas/revistas;TEXTO2.htm>. Acesso em 18/02/2010. POLITY, E. – Pensando as dificuldades de aprendizagem á luz das relações familiares. In: POLITY, Elizabeth (org.). Psicopedagogia: um enfoque sistêmico: terapia familiar nas dificuldades de aprendizagem. São Paulo: Vetor, 2004. p. 79-138.

ECOZ, Beatriz, Psicopedagogia e realidade escolar. O problema escolar e da aprendizagem. 6Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SMITH, C, STRICK, L. Dificuldade de Aprendizagem de A a Z. Tradução: DAYSE, B. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SARMENTO, M. J, VASCONCELLOS, V. M. R – Infância (in)visível. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores, 2007. TIBA, Içami. Quem ama educa, São Paulo: Editora gente, 2002. Faculdade de Alta Floresta – FAF.

VYGOTSKI, L. S. – A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

POROLIN, Isabel – Professores Formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2005.

PULASKI, M. A. – Compreendendo Piaget: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. São Paulo: Zahan Editora, 1980.

Submissão: novembro de 2025. Aceite: dezembro de 2025. Publicação: abril de 2026